

José Régio – Para uma Poética do Absoluto

JOSÉ ACÁCIO CASTRO*

Resumo

Uma vida e uma experiência literária que não se esconderam das contradições e tensões co-naturais à condição humana, encontrariam nesse *silêncio como incenso* a voz definitiva, capaz de reconduzir José Régio Àquele de quem sempre falou. O combate *corpo-a-corpo* com Deus e entre o Homem e ele próprio, cede lugar à escuta da Voz Inicial, lá onde todas as alteridades se diluirão na Identidade plena entre o poeta, a palavra, e o Criador de toda a expressão.

Quando José Régio escrevia no poema «A coluna de fogo», «*Diga o que diga é só falar de Deus*» (in *Biografia*), estas palavras não deixam de incomodar a imagem de um certo subjectivismo por vezes irreverente perante o sagrado, que a tradição crítica e muitas outras palavras do poeta nos legaram.

Mais rigorosamente, nesta tensão se entrevê uma aporia ou mesmo uma contradição do poeta, seja nas suas atitudes, seja nas suas palavras diante da dimensão do sagrado. Claro que são as suas palavras o que nos interessa, e interrogá-las-emos dando prioridade aos textos poéticos. Por uma questão de unidade metodológica, e porque creio que eles serão mais expressivos do que os textos em prosa: serão os de mais longo e profundo alcance em relação a esse tema tão presente em Régio, mesmo quando o não é de modo manifesto.

Lendo a sua poesia foram-se decantando temas, figuras, que na sua constância polarizam e condensam o que o poeta procurou escrever e transmitir em

* Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia (Porto).

relação a Deus, ao Sagrado, à Transcendência, a ele próprio diante deles, a ele e aos seus semelhantes vitalmente intersectados por essas dimensões.

Entre várias, selecionei as que me pareciam essenciais: Deus e o Eu-Sujeito. Embora o «Eu» e o «Sujeito» não sejam a mesma realidade, nem duas faces da mesma realidade, quer na sua relação com a Transcendência, quer com a Obra Poética, ambos convergem na mesma entidade, com uma problemática que lhe é específica, e que se cruza intimamente com a problemática do próprio indivíduo José Régio

E quando refiro esses dois pólos, Deus e o Eu-Sujeito, será pelo valor essencial que cada um representa na economia significativa da obra, mas também porque através deles podemos discernir com mais clareza essa «*abissal complexidade, e toda a unidade luminosa*» («Corda Tensa», de *Colheita da Tarde*), com que o poeta se exprimia em relação a si mesmo.

Começemos pela primeira dimensão, a divina.

A primeira e mais genérica ideia da relação entre o homem e Deus, entre o poeta e Deus, é-nos porventura legada pela paradigmática imagem do *Cântico Negro*, seu primeiro livro de poemas, onde o autor ao mesmo tempo que afirma a genuinidade radical dessa relação pessoal, se afirma *filho do amor entre Deus e do Diabo*. A reiterada heterodoxia do «*só sei que não vou por aí*», é extremada por uma imagem em tom herético onde não podemos reter a substância, nem fazer uma leitura literal dos conteúdos, mas antes sublinhar o tom provocatório. De qualquer modo, como afirmava Eduardo Lourenço, com Régio estamos diante de «uma religiosidade colocada sob o signo da *diferença*»¹.

Diferença no percurso existencial, e diferença ou especificidade nos próprios conteúdos religiosos tal como são expressos.

¹ Eduardo LOURENÇO, «As confissões incompletas ou a religião de Régio» in *Colóquio – Letras*, nº11, Janeiro de 1973, Lisboa, p. 25. O texto, uma excelente análise das *Confissões de um homem religioso*, continua afirmando, «Régio não foi apenas um “homem religioso”, pleonasticamente irmanado com a evidência dos que sociologicamente o são e por isso não precisam de o sublinhar. É uma religiosidade-outra (...) mas é sobretudo o grito único e definitivo duma vida: não fui outra coisa senão um homem religioso, tudo o mais foram arredores de mim ou deve ser visto nessa luz, enfim, sem sombra de luz.» (p.25)

Este artigo contrasta, na imagem de Régio poeta e pensador que nos é transmitida, com o célebre artigo «Presença ou a Contra-Revolução do Modernismo Português», in *Tempo e Poesia*, Ed. Inova, Porto, 1974. Aqui, embora a questão tratada seja essencialmente estética e literária, Régio e o movimento da Presença surgem como factores de contenção e mesmo algum retrocesso no contexto do modernismo literário português, em relação ao vanguardismo estético do movimento de Orfeu. Directa ou indirectamente, Régio é oposto a Pessoa, muito mais que ao movimento neo-realista, e esse estigma viria a durar décadas, vincado pelo carácter incontornável e pelo valor especulativo, do referido artigo. No texto citado, a dimensão religiosa de Régio surge tratada com uma elevação e um sentido positivo contrastantes e algo inesperados.

De facto, a evolução da obra de Régio confirmará que nos versos aludidos, estamos não diante de afirmações de carácter teologizante, mas antes diante de autênticas metáforas ontológicas, onde a criação é interpretada a partir de uma bipolaridade de realidades opostas, tensionais, encontrando-se o homem no epicentro dessa relação dialéctica que tece ontologicamente todo o real.

São várias e numerosas as ocorrências onde Régio define, *dá nome* à relação entre o homem e Deus e, desse modo, caracteriza ou determina a sua própria ideia de Deus.

Podemos, talvez, sintetizá-las, a partir do seu conteúdo, do seguinte modo.

Deus é *misericordioso*, e o poeta roga-lhe piedade: «*Sim, cai toda a semente em meu jardim. / O vento que a traz a leva... / Senhor, tem pena de mim! / – Deixa-me a tua Luz ou a minha Treva!*» («As barreiras», in *Poemas de Deus e do Diabo*); A Vontade de Deus é soberana diante da vontade do homem, e embora com um carácter trágico e fático, não propriamente libertador, o poeta pede que a *Vontade de Deus* se sobreponha à sua : «*Tudo o que mais vasto for, / Sei-o, bem n’o sei Senhor! / Pagá-lo-ei demasiado caro. / Faça-se, pois, em mim toda a vossa Vontade, / Emudeça em meu lábio o vão reparo... / Em mim se cumpra a vossa Imensidade!*» («Litania heróica», in *Poemas de Deus e do Diabo*).

Mas o mesmo Deus misericordioso é Deus não só de justiça, mas de *castigo*, um Deus que não sabe perdoar: *Depois o quê, amor? Depois mais nada, / – Que Jeová não sabe perdoar! O Arcanjo entre nós dois abrija a longa espada...*» («Adão e Eva», in *Poemas de Deus e do Diabo*).

Com um sentido idêntico e sublinhando essa espécie de duplicidade que caracteriza o *sagrado*, Régio dirige-se a um Deus que simultaneamente *fer*e e *consola*. Na célebre «Toada de Portalegre» (in *Fado*) e referindo-se à acáciazinha que nascera no seu quintal, dirige-se ao *vento suão*, senhor dos pavores, das febres, dos peitos sufocados, que todavia lhe «*trouxe essa esmola/ esse pedido de paz/ dum Deus que fere... e consola/com o próprio mal que faz*».

A contradição mais frequente é entre um Deus misericordioso que acolhe o homem incondicionalmente, digamos numa visão neo-testamentário, e um Deus que, na inflexibilidade do seu juízo e castigo, assume um carácter duplo de Senhor da Justiça, numa visão veterotestamentária, mas também Senhor do Destino, numa perspectiva claramente pagã, neste caso helénica, já que não se vislumbram influências orientalistas em Régio. O homem, ou se quisermos, o poeta, oscila entre estes dois Absolutos e entre estas duas condições como surge claro no poema «Velha História»: «*Eis como sou! Isto sou!, / Sou esta Torre truncada...! / Que o Anjo que me expulsou, / Quando Deus me renegou / Na porta que se fechou / Tal como sou me desenhou / Com fogo da sua espada... / (...) O muro não se abrirá. / Que em vão o meu Astro me arrasta; Meu corpo se desfará, / Meu pó se dispersará, / Meu nome se apagará... Mas eu sei que Deus é Lá. / Não sei mais nada! Isto basta.*» (in *As Encruzilhadas de Deus*).

A consciência de ser *expulso, renegado*, coabita com a de ser *incondicionalmente recebido e acolhido*. Mas se a primeira é interpretada e surge sempre num contexto trágico, tal como trágica é *esta face* da condição humana, a segunda é expressão de um desejo de libertação, de comunhão plena, logo livre como é a expressão de qualquer desejo².

Em Régio, a relação com Deus é dominada por uma auto-representação paradigmática do poeta e do homem como *Filho Pródigo*, dominado por sentimentos complexos e contraditórios. O sentimento de ter sido expulso por um Pai, que o poeta intimamente julga que ele próprio terá renegado e abandonado: «*Assim as almas se entregaram / (...) Ante as barbas, que tremeram, / do velho Pai desprezado!*» («Adão e Eva», in *Poemas de Deus e do Diabo*); e o desejo profundo de ser acolhido, mas sempre acompanhado por uma enorme interrogação sobre o modo como isso acontecerá, ou mesmo se acontecerá: «*Na tarde sossegada, / Sem armas, sem escudo, Chegando a quê? Talvez a nada. / Talvez a Tudo.*» («Penumbra», in *Cântico Suspenso*) ou «*Vai-te que eu fui chamado a conquistar / Os mundos que há no fundo do meu nada. / (...) Porque até Lá, é longe ; e é tão incerto, / Tão frio, tão sublime, tão abstracto, tão medonho... / Como dar-te a sonhar este sonho de um sonho? / – Vai-te! a tua casa é perto.*» («Adeus», in *As Encruzilhadas de Deus*).

Num outro registo, onde aparentemente a relação do poeta com Deus se apazigua, se pacifica, despindo-se de uma vivência contraditória, angustiada e dilacerante, Régio de modo quase agostiniano se refere à presença interior de Deus em si: «*Anjos!, abri-me os pórticos dos céus, / Que em minha noite é dia... em mim é Deus*» («Sarça Ardente» in *As Encruzilhadas de Deus*) ou «*Se é demónio não me atenta, / Que minh'alma é só de Deus, / O corpo, dou-o eu ao mar*» («Fado Português», in *Fado*).

É uma presença íntima, totalmente interior e apaziguadora de Deus, que todavia não esconde a clivagem ou mesmo um inequívoco dualismo *alma/corpo*³.

² Num posfácio a *Poemas de Deus e do Diabo* editado em «Introdução a uma obra», Ed. Brasília, Porto, 1969, Régio falando de si mesmo na terceira pessoa, comenta esta contradição latente, esta ambivalência, do seguinte modo: «*Creio não se poder estudar o nosso autor sem lhe notar o movimento sobressaltado entre inclinações antagónicas; e, do mesmo passo, ora o seu impulso para sublinhar o conflito desses extremos (tendência dramática) ora quer a sua penumbrosa intuição duma conciliação ou superação, dos inconciliáveis, quer o seu salto dum ao outro extremo (tendência porventura lírica ou mística)*» (p.155).

³ Esse dualismo antropológico, é antes de mais ontológico e mesmo metafísico como testemunham os célebres versos insertos em *Poemas de Deus e do Diabo*: «*Entre os dois eu sentia-me pequeno e miserando, / Vibrando todo, tumultuando, soluçando, / com os olhos meigos, lábios torpes – indeciso / Entre um inferno e um paraíso.*». A este respeito Manuel Antunes, no artigo «Três Poetas do Sagrado – Pascoaes, Pessoa e Régio», in *Brotéria*, vol.XLV, nº1, 1957, escreve o seguinte: «*O Dualismo (de Régio) não avança, rigorosamente solitário, em dois condutos paralelos, mas é um dualismo de luta e de combate, um dualismo polémico. Ôntica e psicologicamente polémico: do mesmo ao mesmo através do diverso*» (p.56).

O subjectivismo e interiorismo a que frequentemente é associada a poesia de Régio manifesta-se também a este nível, sendo-lhe alheia uma aproximação ao divino mais concordante com uma linha aristotélico-tomista, onde fossem exploradas as múltiplas veredas com que a analogia do ser tece a realidade.

No entanto, é ainda na «Toada de Portalegre», e de modo muito discreto, que enuncia a aceção mais abrangente, optimista e universalista de Deus: a Criação como Dom de Deus, e o Amor de Deus em relação à Criação: «*Senão quando o amor de Deus / Ao vento que anda, desanda (...) confia uma sementinha / (...) Que depois foi transplantada / E cresceu, dom do meu Deus!*».

O facto de estes versos e o seu conteúdo serem uma raridade na obra de Régio, onde aliás o amor, particularmente o amor humano é visto como algo precário e limitado, creio que não diminui a sua importância. Eles são, no conjunto de uma obra dominada por uma visão dramática onde quase não há lugar para a esperança, uma espécie de ponto de respiração, onde o poeta se restaura e entrevê uma plena reconciliação entre o Criador e a criatura. Como parece ser o sentido geral do próprio poema em que se inserem.

Mas o tom dominante na relação entre o homem e Deus é efectivamente tensional e dramático. Embora exista uma dimensão trágica que se revela na recorrência episódica à noção de *fado* ou *destino*, o *dramatismo* acompanha a poética de Régio em geral, e a relação entre o poeta e Deus, em particular. Esse dramatismo revela-se em três aspectos essenciais: na *narratividade*, quase sempre presente, que confere à sua poesia um tom discursivo de *enredo*, algo que ocorre no tempo, e que no tempo altera as relações e as determinações dos personagens eventualmente presentes no texto; a *tensionalidade*, uma dialéctica interna à própria poética e que dinamiza e a faz, assente frequentemente na conflitualidade entre o poeta e um Outro, seja ele Deus, o seu semelhante, ou ele mesmo, sendo neste caso um conflito interno à sua própria consciência; finalmente, um desejo ou uma intenção de *resolubilidade* desta tensão, um misto de *Aufhebung* e de final apaziguador.

Essa tensão ansiosa pela sua resolução atinge talvez o seu limite no *Poema do Silêncio*.

Nele, Régio quase se eleva à altura de Deus, criando a situação de dois *eus* que se confrontam, que disputam o mesmo espaço, que é o espaço do *Absoluto*: «*Senhor meu Deus em que não creio! / Nu a teus pés abro o meu seio / Procurei fugir de mim, / mas sei que sou meu exclusivo fim. / (...) Senhor meu Deus em quem eu não creio, porque és a minha criação! / (Deus, para mim, sou eu chegado à perfeição...)*».

A tensão é maximamente criativa nas ambiguidades abertas pelos versos. Régio afirma não crer em Deus, mas fá-lo de um modo quer pela utilização do possessivo *meu*, quer pelo tom invocativo, que mais parece dizer *meu Deus em quem desejaria crer*, que é já um gesto de fé.

Poderemos mesmo interpretar esta frase como o anverso de *meu Deus em quem não creio*. Deus é assim um Deus em que simultaneamente se crê e não se crê. Nas *Confissões de um homem religioso*, Régio aprofunda esta relação do seguinte modo: «*E se igualmente não podia crer, muito me inclinava a crer que apesar de tudo cria da maneira que me era possível. O crer não-crendo era portanto a minha posição ao mesmo tempo subterrânea, obscura e sobrepairante*»⁴.

Por outro lado, em relação a si mesmo, que por sinédoque poderíamos dizer em relação ao ser humano em geral, a ambiguidade não é menor. Régio *arroja-se nu* aos pés de Deus e, por outro lado, afirma que Deus não é mais que ele próprio chegado à perfeição. Uma humildade franciscana convive aqui com uma soberba babélica.

O conflito entre Régio e Deus, desenha-se pois a partir de um conflito interno ao próprio Deus, e ao próprio Régio.

No entanto, esta contrariedade não é meramente especulativa ou retórica, o poeta vive-a dolorosamente no íntimo da sua consciência: «*Mas o meu sonho megalómano é maior / Do que a própria imensa dor / de compreender como é egoísta / A minha máxima conquista...*»

E quando esperaríamos ver o poeta entregue a si e ao seu sonho megalómano de ser Deus, ou como Deus, ele termina em tom de súplica e de expectativa escatológica: «*E o meu Silêncio, como incenso atingir-te-á, / E sobre mim de novo descera... / Sim, descera da Tua mão compadecida, / Meu Deus em que não creio! E porá fim à minha vida / E uma pedra sem flor e uma pedra sem nome / Saciarão a minha fome*».

O silêncio do poeta e a mão de Deus unem finalmente o que parecia ontológica e existencialmente dividido: o humano e o divino. Uma resolução que é tão poética quão dramática, isto é, ocorrida no termo de uma trama, de um percurso, onde homem e Deus são os principais viajantes.

Detenhamo-nos agora no domínio específico do *humano*, na dimensão antropológica.

Devemos, antes de mais, partir de um dado genérico: na poesia de Régio o *humano* é dito quase sempre na primeira pessoa do singular. O *homem*, genericamente considerado, é dito e pensado a partir do «*eu*». Mas também podemos dizer o inverso, o *eu* regiano não se reduz a um particularismo subjectivista, mas convoca quase sempre o *homem* na sua condição vital, existencial e mesmo metafísica.

Assim, através do *Régio* que diz e do *Régio* que é dito, a sua poesia percorre, metamorfoseadamente, *figuras* que são arquétipos antropológicos da nossa

⁴ José RÉGIO, *Confissões de um homem religioso*, Ed. Brasília, Porto, 1983, p. 238.

cultura: Job, o Filho Pródigo, o *Homem* simbolizado por Platão na alegoria da caverna, o *clown* circense na sua ambígua condição de homem solitário que faz rir o «circo» da humanidade, o dançarino, o próprio Cristo que, embora destituído da sua divindade é tido como a mais alta expressão do humano. Entre outros.

Mas, provavelmente, o traço mais presente da antropologia regiana é um dualismo de matriz simultaneamente helénica, mais precisamente platónica, e cristã, com uma acentuada índole protestante.

No poema «Velha História» de *As Encruzilhadas de Deus* exclama: «*Eis como sou! Isto sou!, / Sou esta Torre truncada...!*». Esta imagem da auto-cisão traduz-se em vários momentos da obra por uma autêntica cisão entre alma e corpo espírito e matéria: «*Sei que este meu aspecto dúbio, fez-mo/ a vida em que o meu Ser supremo e belo, e os meus gestos indómitos não cabem.*» («*Struggle for life*», in *Biografia*). Régio exprime a noção de que a alma não só não cabe no corpo, mas como que vive nele difractada, distorcida, como se de dois diversos registos de existência se tratasse.

E este inequívoco dualismo chega mesmo à depreciação do corpo à maneira platónica, ou a uma espécie de má consciência, no mínimo, uma consciência angustiada da vivência corporal: «*Meu corpo, ó meu hospício de alienados! / Abre-te aos meus desejos enjaulados, / deixa-os despedaçar a minha vida!*» («*A jaula e as feras*», in *Poemas de Deus e do Diabo*), «*Que no teu corpo, alguém, alguma coisa, me pedia / mais do que o vício triste que te dava.*» («*As Barreiras*», in *Poemas de Deus e do Diabo*).

Nas *Confissões*, José Régio viria a testemunhar que esse dualismo entre alma e corpo era vivido através de uma angustiante conflitualidade interior: «*(Pela minha) natureza sensual, por um lado era atraído à satisfação da mera sensualidade (...) mas a natureza espiritual, por outro lado reagia contra esse poder sensitivo que me escravizava*»⁵.

Por outro lado, esta divisão é vivida no centro da consciência, como erro ou pecado: «*Na palma da tua mão, / me ofertaste, e eu mordi, o fruto do pecado*», agudizado com a consciência da ausência de perdão: «*Depois o quê, amor? Depois, mais nada, / – Que Jeová não sabe perdoar!*» («*Adão e Eva*», in *Poemas de Deus e do Diabo*).

A divisão alma / corpo é assim vivida e dramatizada no teatro da consciência, unindo no mesmo dualismo as duas facetas, helénica e judaico-cristã, esta numa versão distorcida por um pessimismo onde a dimensão da esperança só raramente se entrevê⁶.

⁵ José RÉGIO, *Confissões de um homem religioso*, p. 161.

⁶ Manuel Antunes, no artigo referido, escreve a este respeito, de um modo algo radicalizado, mas com uma interpretação genérica que me parece ajustada: «*Uma vez que o poeta não sente abrir-se diante dos olhos da alma um autêntico horizonte de transcendência e esperança (...) dá a complacência no*

Esta interiorização, quase uma centriptação, da aporia dualista, está no fundo de acordo com a tendência subjectivista de Régio. Mas traduz também outros arquétipos dominantes da vivência do eu, e da sua concepção da condição humana.

Outra dimensão da subjectividade em Régio, particularmente posta em relevo por José Augusto Seabra⁷, é uma espécie de desdobramento do «eu», e não propriamente heteronímia, num «outro eu» que o complementa.

Na poema «Litania heróica», Régio escreve: «*Porque não é em mim que me sonhei viver! / Meu ser-eu só me aperta, e só sonho em esmagá-lo, / Livre, sou tudo o que é, foi, há-de ser, / Vivo em tudo o que vive, há-de viver, viveu...*» (Poemas de Deus e do Diabo).

Este desdobramento do «eu» num «outro» cuja dimensão é infinitamente maior, transcendendo as particularidades do indivíduo «José Régio», será uma constante ao longo da obra, e definirá uma outra tensão entre «o mesmo» e o «outro» no interior do sujeito, uma tensão dialéctica que tanto o faz «saltar» para essa dimensão de universalidade, como exige ao mesmo tempo que ela seja vivida dentro das circunstâncias, da «pequenez», dirá ele, da sua manifestação vital.

Nas *Confissões de um homem religioso*, Régio chegará mesmo a teorizar este *cindimento* do sujeito, distinguindo três níveis de existência do «eu»:

O «*eu particular*», constituído por tudo o que no indivíduo lhe é mais próprio e particular;

O «*eu pessoal*», que ultrapassando essas peculiaridades, «*procura encontrar nelas o que possa haver de extensível ou ampliável a interesses mais gerais, a posições mais comunicáveis*», e saindo da esfera do indivíduo, entra já na da «*pessoa*»;

Finalmente, o «*eu transcendente*», definido por «*essa Objectividade – por Isso que diríamos uma participação no Absoluto*»⁸.

Nestes graus do «eu», há assim uma linha evolutiva que vai não só no sentido de maior universalidade, e mais ampla comunicabilidade, mas também no sentido de uma progressiva superação do finito no infinito, do individual no *Absoluto*.

Efectivamente, se existe um profundo subjectivismo na obra de Régio, e eu creio que ele existe, é sempre um subjectivismo espectante de se universalizar,

próprio dolorismo e na própria solidão; daí a glorificação de uma sensibilidade singular, genial, aleijada – aleijada porque genial –; daí uma certa compreensão do mistério cristão de sexta-feira santa e a sua aceitação e o pendor para ignorar ou quase desatender outro mistério, não menos cristão, operado no domingo de Páscoa, mistério este que dá plena significação ontológica e dialéctica àquele» (p. 57).

⁷ José Augusto SEABRA, «José Régio, um poeta em estado místico», Prefácio à edição das obras completas de José Régio, *Poesia I*, I.N.C.M., Lisboa, 2001.

⁸ José RÉGIO, *Confissões de um homem religioso*, p.207-215.

quase de se *dissolver* nesse lugar do «eu» que é o totalmente Outro, o Absoluto. No entanto, essa «*dualidade desejada*» nunca abandona totalmente o sujeito, que será o mesmo que dizer que Deus nunca será concebido objectiva e autonomamente sem o «eu», ou sem o «sujeito».

Este desdobramento vertical do «eu» polarizado entre imanência e transcendência, entre finitude e infinitude, é acompanhado, por um outro, que lhe é como que perpendicular. Trata-se aqui de um desdobramento horizontal, de natureza cénica, dramática, entre um «eu» centriptó, virado para o seu interior, e um «eu» disperso «histrionicamente» numa pluralidade de personagens.

Esse primeiro pólo, lugar de interioridade e silêncio é também um lugar de solidão que Régio nos descreve assim no poema «Litania Heróica»: «*Entrem, entrem os ventos, os chuvaeiros, as estrelas, / No palácio inabitado / Sem telhado, sem vidraças, sem janelas (...)* / Por tudo isto sou profundamente só, e me debato na ansiedade, / E nada sei ver só dum lado, / Porque pairando em tudo como a luz ou como o pó, / Transbordo de humanidade, / Vivo desumanizado / (in *Poemas de Deus e do Diabo*). E essa mesma interioridade é mesmo interpretada pelo poeta como lugar de sofrimento, como se fosse um castigo do Deus: «*E o meu desejo insatisfeito, / De insatisfeito inchou até aos céus. / Já Tu meu Deus, / Cravaste o Teu pendão na terra do meu peito*». («As minhas Asas, – Deu-mas», in *Mas Deus é Grande*).

No pólo oposto, o poeta não escondendo uma identificação e uma projecção pessoais, descreve-nos o lugar paradigmático do circo, que não é senão metáfora da humanidade, povoado de palhaços, dragões, gigantes, bruxas, bailarinos, anões, criações de um mundo novo, onde perpassa um júbilo quase nietzschiano: «*Ri palhaço! Corpo de borracha e aço, / Rebola como uma bola, / Tem dentro não sei que mola / Que pincha, emperra, uíva, guincha, / Zune, faz rir! Ri palhaço! Entre mil espectadores, / Encolhido, Pequenino, – meu menino, ino ino... / ... (Eu sou aquele menino, sou poeta...)*», («Ámen», in *As Encruzilhadas de Deus*).

Se estamos aqui perante mais uma situação de equilíbrio tensional, ela faz-se através de extremos, ou o da solidão, ou a de uma espécie de exibicionismo narcísico, que Régio, aliás não esconde, no poema intitulado precisamente «Narciso»: «*Que eu vivo à espera dessa noite estranha, / Noite de amor em que me goze e tenha, / ..Lá no fundo do poço em que me espelho!*».

Neste percurso o que fica senão elidido, ou pelo menos fragilizado, é a possibilidade de comunhão com o outro, ou no mínimo, de uma relação de confiança e amizade fraterna, obscurecidas por uma espécie de sentimento de perda e de desencanto generalizado, que parece abranger toda a humanidade: «*Amigos...?... Quem?! / Parentes...? perco-os dia a dia. Bons camaradas...? Camaradas! Preparam-me na sombra ínvias sevícias.*» («Encontro Nocturno», in *A Chaga do lado*) ou em «Solução da Noite», de *Mas Deus é Grande*: «*Ora que mal! Que mal fiz eu à vida, aos céus, / Aos homens meus irmãos, à natureza, a Deus, / para que lute assim a vida inteira, só / No meu palácio em ruína alcatifado a pó?*».

Este centramento e sobrevalorização do «eu», faz-se em Régio através de um múltiplo jogo de representações, projecções, tensões dramáticas, apagamentos ou hipervalorizações. Na expressão de Eugénio Lisboa, um dos seus leitores e companheiros de letras mais atentos e presentes: «É que no artista (em Régio) não há propriamente um eu limitado, mas um eu representativo: um eu-plural, um eu de muitas cabeças, um eu pluriforme»⁹.

Essa pluralidade e pluriformidade do «eu» ou do «sujeito», não assume, contudo, a estruturação psíquica e poética de uma heteronímia como em Fernando Pessoa, devendo antes falar-se de uma metamorfose que se vai desenrolando ao longo da obra. No poema «Declaração», in *Colheita da Tarde*, escreve: «Crer só sei crer no mistério / De doutrinas não me importo! Das escolas não sou aluno. / Se comunico é em verso. / Sou muito diverso, / E uno.» É como se Régio se projectasse a si mesmo num palco, que é a obra e a vida entrelaçadas, através de diferentes personagens, mas sem nunca perder a identidade própria, qual âncora que permanece nos bastidores.

Ora uma das projecções e auto-representações dominantes é a que Régio estabelece entre ele próprio e Cristo. Não será por acaso que nas *Confissões de um homem religioso*, Régio elegerá a *Imitação de Cristo* como a maior obra mística que conhecia¹⁰. E ao longo da obra poética, múltiplas serão as referências Àquele a quem considerava o maior modelo de humanidade, embora apenas humano. Ainda nas *Confissões* afirma: «Apelando para Jesus, não era na Santíssima Trindade ou em qualquer das três pessoas divinas que eu pensava»¹¹. E num ensaio publicado em 1952, intitulado precisamente a *Multiplicidade de Jesus*, adverte-nos para uma incomensurável riqueza humana, impossível de se conter numa versão psicológica ou testemunhal unívoca. Mas é sempre ao Jesus humano a quem Régio se dirige e convoca.

Da obra poética, não podemos deixar de sublinhar algumas referências. Assim, já nos *Poemas de Deus e do Diabo*, no poema «Paixão», escrevia: «Quando eu nasci, Senhor! Já tu lá estavas, / Crucificado, lívido, esquecido, / (...) E a tua benta Cruz de Deus vencido, / Quis eu erguê-la em minhas mãos escravas»; E acrescenta: «Mas o que eu amo em ti, divino Cristo exangue, / é o que em ti é Dor, e assim a nós te irmana: / teu sonho imenso, o teu suor de sangue, / a tua carne humana...».

A profunda admiração cede lugar a um quase tangível desejo de identificação que permanecerá em toda a obra poética. No poema «Baptismo», do livro *Biografia*, é evidente a analogia estabelecida entre a missão de Cristo e a missão do poeta, neste caso, do próprio Régio: «A minha mãe que estava ao lado, quieta, / Eu dizia: «Mamã, quero ser poeta!» / E consumia-a num abraço estreito. / De

⁹ Eugénio LISBOA, *José Régio – A obra e o homem*, Ed. Arcádia, Lisboa, 1976, p. 192/3.

¹⁰ José RÉGIO, *Confissões de um homem religioso*, p.6 5

¹¹ José S EM RÉGIO. O HOMEM, OU SE QUISA... RÉGIO, *ibidem*, p. 80.

noite, ergueram-se uivos no horizonte. / E eu sentia correr como uma fonte, / A chaga que se abriu no meu peito!».

E no poema «Carta de Amor», do livro *As Encruzilhadas de Deus*, num processo interessantíssimo do ponto de vista psicológico, Régio como que redime as suas imperfeições e limitações físicas, bem como o seu narcisismo exibicionista, convocando novamente uma identificação com a humanidade do próprio Cristo: «Vês como sou? / Mas sou pior do que isto. / Sabe que se me acuso, / É só por vício antigo / De me lambar as mãos e agatanhar o peito, / De me exhibir à Cristo».

E no poema «Grande Guerra», de *A Chaga do Lado*, Régio não podia ser mais explícito. Dirigindo-se ao *senhor dos impérios*, metáfora de todo o poder e despotismo, clama: «Podes tirar-me paz, saúde, e a própria vida. / Ai pedra sepulcral assaz fendida! / Que ao Cristo lhas tiraram. / Perderam-se e o ressuscitaram. / (...) Porquê? Porque ao morrer dos céus lhe diz o próprio Deus: 'Filho vem até mim! A História principia onde eles põem: fim'».

A «tensão dramática entre identidade e alteridade»¹², que constituirá o núcleo da problemática do «eu» e do «sujeito», atingirá o seu zénite, o seu ponto máximo de significação, na relação interiorizada e textualizada entre Régio e Cristo. Estamos longe de poder estabelecer analogias com a máxima Paulina: «Já não sou eu, mas Cristo que vive em mim», nem com a noção agostiniana de *Cristo interior (interior intimo meo)*.

As dimensões profética e mística, são aqui substituídas por um profundo desejo de identificação. No limite, e em momentos de maior exaltação subjetiva, um profundo desejo de ser (como) Deus. Esta intransponível fronteira só poderá ser *fingidamente* ocultada pelo sortilégio representativo da própria arte, e da poesia em particular. Daí também a grande importância concedida por Régio à dimensão mística enquanto parte intrínseca da própria expressão artística¹³.

Por outro lado, como já observaram quase todos os comentadores de Régio, quer tendo em conta as ocorrências, quer a presença significativa ao longo da obra, o Cristo da Paixão, o Cristo Crucificado, imagem e espelho da dor e do sofrimento humano, quase não deixa emergir o Cristo Ressuscitado, imagem de uma nova humanidade, e de uma nova relação entre o humano e o divino. Deste modo, se através de Cristo, Régio aprofunda a dimensão da solidariedade com a humanidade sofredora, nele não encontra caminho de salvação e de esperança, valores que parecem passar ao lado da sua obra.

Esta interpretação parcelar do mistério cristão está, a meu ver, intimamente ligada com um claro pessimismo antropológico, dominante na obra de Régio.

¹² José Augusto SEABRA, *José Régio, um poeta em estado místico*, p. 12.

¹³ Refiro-me essencialmente ao que Régio escreveu no pouco divulgado, mas importante e inovador ensaio *Em torno da expressão artística*, Ed. Inquérito, Lisboa, 1940.

E esse pessimismo terá duas facetas essenciais. A primeira, a afirmação da impossibilidade do amor, ou pelo menos, da sua perdurabilidade, bem explícita no poema «Adeus»: «*Vai-te! Não me supliques que te minta! / Beijo-te os pés pelo que me oferecias. / Mas o teu amor, e tu, e eu, e quanto eu sinta, / que somos nós mais do que fantasias?*» (in *As Encruzilhadas de Deus*); a segunda, simbolizada na imagem paradigmática do poeta que se opõe, sozinho, à sociedade ou mesmo à humanidade, tão frequentemente utilizada na poesia romântica e genialmente reutilizada por Régio no «Cântico Negro»: «*A minha glória é esta: criar desumanidade! Não acompanhar ninguém*», e mais tarde na «Toada de Portalegre»: «*Quem desespera dos homens, / se a alma lhe não secou, / A tudo transfere a esperança/ que a humanidade frustrou*».

E mesmo quando timidamente apelida os *homens (a humanidade) de seus irmãos* («Libelo», in *Biografia*) muito próximo de um sentido de fraternidade cristã, acaba por confessar que nos *truncos das árvores encontrou os seus mais firmes (e fiéis) amigos* («Balada de Coimbra», também no livro *Fado*).

Mas retomando esse quase herético desejo de ser (como) Deus, no «Poema do Silêncio», como vimos, afirma mesmo: «*Deus sou eu chegado à perfeição*». Nas *Confissões*, reflectindo retrospectivamente sobre o sentido da sua vida e obra, ele utiliza mesmo a expressão «*uma espécie de luta (corpo-a-corpo) entre o homem e Deus*»¹⁴. Que restará desse desejo, dessa luta?

Em «Sarça Ardente» (in *As Encruzilhadas de Deus*) Régio clama, como se fora o seu grito ou suspiro final perante o fracasso dessa luta, dessa perseguição infrutífera: «*Não mais! E nos silêncios do meu verso, / Fala tu! Voz suprema do Universo*».

Régio assume assim uma missão quase divina da poesia à semelhança de um Rilke ou um Hölderlin, tal como surge bem explícito no poema «Pequena Sinfonia», da obra *Mas Deus é Grande*: «*Eu, quer ame quer não, sou pessoal, / Mas meu canto é amor universal, / Que excede tudo quanto é nosso*». E em *Colheita da Tarde* escreve de modo mais reflexivo: «*Através das coisas distintas, dos seres incompletos, dos fragmentos dispersos – tacteando cega, no vácuo por ser humana, mas obedecendo iluminada, a um instinto superior por ser divina – ei-la vai a Poesia em demanda da Unidade original.*»

Entre seres incompletos e fragmentos dispersos foi José Régio percorrendo os caminhos onde a poesia se cruza com a vida. A sua opção por uma estética de autenticidade, onde o efeito retórico não se opõe ao conteúdo nem ao sentido da expressão, onde qualquer idealização colectiva do ser humano não se opõe ao valor e ser inalienável que constitui cada homem, fez com que o seu empreendimento literário assumisse um carácter quase militante, e a sua

¹⁴ José Régio, *Confissões de um homem religioso*, p. 78.

militância pelo indivíduo e pela pessoa tê-lo-á conduzido frequentemente à solidão e mesmo à incompreensão¹⁵.

Também esse facto exprimiu poeticamente em *Fado*: «*E eu canto, porque desisto / De que o meu canto me exprima! / (...) Lá em cima, / Sofro só, paio calado*».

Uma vida e uma experiência literária que não se escondeu das contradições e tensões co-naturais à condição humana, encontraria nesse *silêncio como incenso a voz definitiva*, capaz de o (re)conduzir Àquele de quem sempre falou.

O combate corpo-a-corpo entre o homem e Deus e entre o homem e ele próprio, cede lugar à escuta da Voz Inicial, lá onde todas as alteridades se diluirão na Identidade plena entre o poeta, a palavra e o Criador de toda a expressão.

Fica o rasto heterodoxo, contraditório, às vezes torturado de um *poeta em estado místico*, na feliz expressão de José Augusto Seabra¹⁶. E retomando a voz de Régio: «*Se, de longe em longe, o Poeta alcança versos, / É só porque verbo impoluto, / Aos minúsculos nossos universos / Quaisquer sinais chegaram / Do teu inacessível Absoluto*» («Verbo», in *Colheita da Tarde*).

¹⁵ Sobre esta questão estético-literária essencial para entender o significado histórico da obra de Régio sublinho a importância do estudo de Luís Adriano CARLOS, *O Classicismo Modernista de José Régio*, Prémio de Ensaio José Régio 1989, para além dos estudos clássicos de Jacinto de Prado Coelho, João Gaspar Simões e Fernando Guimarães.

¹⁶ José Augusto SEABRA, *ibidem*, p. 41.